



MEMÓRIA E IMAGENS: a transformação da paisagem na cidade de Quevedos, RS, Brasil

Natália Lampert Batista

Universidade Federal de Santa Maria

Elsbeth Léia Spode Becker

Centro Universitário Franciscano

Meri Lourdes Bezzi

Universidade Federal de Santa Maria

Roberto Cassol

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O objetivo deste trabalho é destacar os elementos da paisagem urbana de Quevedos, RS, para o estudo do lugar e relacionar com a memória e as noções de identidade e de pertencimento existentes na população local. Os resultados demonstram a existência de uma rica memória individual e coletiva, a partir dos elementos da paisagem urbana de Quevedos, RS, evidenciados nas fotografias, nos registros escritos e em depoimentos. Foi possível confirmar que existe um elo afetivo e de pertencimento na interação da população com o espaço urbano, evidenciado em locais históricos e representativos no imaginário coletivo e que podem ser um importante componente desencadeador para o estudo do lugar.

Palavras-clave: Paisagem Urbana. Pertencimento. Memória Coletiva. Memória Individual. Quevedos.

MEMORY AND IMAGES: the transformation of landscape in quevedos city, rs, brazil

Abstract

The aim of this study is to highlight the elements of the urban landscape for the study of Quevedos, RS, of the place and relate to memory and notions of identity and belonging exist in the local population. The results demonstrate the existence of a rich individual and collective memory, from the elements of the urban landscape of Quevedos, RS, shown in the photographs and written records and testimonies. It was confirmed that there is an affective and belonging link in the interaction of urban space with the population, evidenced in historical and representative sites in the collective imagination and that can be an important trigger component for the study of the place.

Keywords: Townscape. Belonging. Collective memory. Individual memory. Quevedos.

INTRODUÇÃO

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará no final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. [...] Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem formas, preenchida pelas cidades particulares (CALVINO, 1972, p. 16-17).

As “Cidades Invisíveis”, do escritor italiano Ítalo Calvino (1972), apresentam as paisagens particulares do observador, a percepção e a subjetividade na compreensão dos lugares descritos pelo viajante Marco Polo, personagem principal da narrativa. No fragmento citado, as “Cidades e os Símbolos 3”, o autor demonstra simultaneamente a necessidade e o desejo do ser humano em conhecer e em interpretar a paisagem urbana. É nítida a abordagem da subjetividade neste ato de conhecimento, o que de acordo com a vivência de cada indivíduo, transforma um espaço banal em lugar significativo e experiencial.

A Geografia Cultural perpassa por essa abordagem e fortalece o entendimento da paisagem interpretada e valorada por meio das vivências dos indivíduos. O estudo do lugar se reveste de importância e torna essencial o desenvolvimento e aprimoramento das noções de pertencimento e de identidade no seio das ciências humanas. No contexto da Geografia, a paisagem das cidades em seu complexo sistema de objetos e ações se revela como um mosaico de histórias contadas através de ruas, dos perfis de construções, de suas esquinas.

As cidades, com suas praças, seus prédios, suas ruas, suas casas, contém a vida humana em sociedade. É o espaço das relações e, por isso, também, o espaço das memórias. Alguns locais específicos adquirem importância ou são marcados, geralmente, pela memória de acontecimentos do passado e por novas relações, desencadeadas, pelas complexidades sociais.

No Rio Grande do Sul, nas cidades com pequena população¹ ou naquelas que são sede de municípios recentemente emancipados, os estudos e os enfoques da memória cultural sobre os elementos da paisagem urbana ainda são incipientes. Por isso, a presente pesquisa torna-se relevante uma vez que, geralmente, a recuperação desta memória é realizada apenas pelos jornais locais, quando existentes, em datas alusivas às festividades do município ou às festas da paróquia, considerando a forte influência religiosa, católica e luterana, trazida pelos imigrantes italianos e alemães.

Há, portanto, a carência de estudos que recuperem “a memória local” e os sentimentos de identidade e de pertencimento em relação à materialidade existente na paisagem urbana destes municípios. Estes estudos e suas evidências podem promover e gerar uma atratividade ao local, não apenas para aqueles que ali vivem, mas também para os que residem nos distritos e para quem vêm de fora, os visitantes.

Partindo das ideias apresentadas, a questão de pesquisa que se estabelece é: “Quais são os principais elementos existentes na paisagem urbana de Quevedos/RS que possibilitam o desenvolvimento da noção de identidade e de pertencimento na comunidade local”? Para encaminhar a questão, o presente estudo pretendeu destacar os elementos da paisagem urbana de Quevedos/RS, relacionando com as noções de identidade e de pertencimento existentes na população local com os conceitos de paisagem e de lugar que são focos de estudo da Geografia. A metodologia foi embasada na revisão bibliográfica a cerca dos referidos conceitos e na perspectiva qualitativa de caráter empírico frente às materializações existentes no espaço urbano local.

O texto foi dividido em três eixos articuladores. O primeiro, denominado de “Introdução”, situa o leitor para o enfoque do artigo, evidenciando a questão problematizadora. No segundo eixo “As categorias de análise geográfica paisagem e lugar”, discutiu-se brevemente os conceitos adotados para lugar e para paisagem com intuito de resgatar a memória urbana local. Por fim, no terceiro eixo, denominado “A paisagem e o lugar na cidade de Quevedos”, teceram-se breves considerações sobre os elementos da paisagem urbana no município.

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA: PAISAGEM E LUGAR

A Geografia, assim como várias outras ciências, utiliza-se de categorias para basear os seus estudos e delinear seu principal objeto de análise, o espaço geográfico. Atualmente, além do espaço geográfico, existem quatro principais conceitos que se consolidaram como categorias de análise geográficas: território, região, paisagem e lugar.

Estas categorias devem ser consideradas em suas inter-relações e conexões, dada à dinâmica do espaço geográfico (o qual constitui uma categoria central da Geografia) e, ao longo da história desta ciência, foi concebido de diversas maneiras. Porém, não é escopo nesse artigo retomá-las, mas sim evidenciar a complementaridade entre as categorias de análise geográfica paisagem e lugar.

A Geografia pode utilizar-se dessas duas categorias de análise geográfica (paisagem e lugar), combinadas e interligadas, para evidenciar, senão recuperar, o sentimento de identidade e de pertencimento da população e despertar a noção e a importância de preservar a memória do lugar e o desejo de aprender sobre os elementos da paisagem.

Na Geografia, o conceito de paisagem passou a ser utilizado a partir do século XIX, introduzido por A. *Hommeyerem*, e definido como o conjunto de “formas” que caracterizam uma parte determinada da superfície terrestre (BOLÓS, 1992). Porém, a verdadeira essência na compreensão da paisagem não pode reduzir seu entendimento ao mero aspecto funcional com uma composição mecânica de objetos e fenômenos isolados e independentes, mas que participam de toda a engrenagem que integram. Nesta perspectiva, Figueiró (2014) apresenta uma crítica à interpretação visual da paisagem e à sua concepção positivista e acrescenta que há a necessidade de aprofundar o olhar e enxergar a paisagem como produto da ação recíproca.

Partindo dessa premissa, o olhar dialético visa compreender a paisagem em sua complexidade e/ou totalidade, em que os objetos e os fenômenos são organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros, e se condicionando reciprocamente. Segundo o autor, essa complexidade é o “[...] ponto de partida de toda a teoria científica da paisagem, porque é a condição universal de sua existência: a cultura se transforma na medida em que transforma a natureza, e a paisagem cultural é a expressão concreta desse movimento” (FIGUEIRÓ, 2014, p. 276).

Carl Sauer, representante da geografia cultural clássica, destaca que essa interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem. Para Sauer (1998, p. 42) a paisagem está em um “[...] processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição”.

Ainda em relação à compreensão do estudo da paisagem, Claval (1999, p. 420), colabora afirmando que

[...] não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens.

Assim, Claval não só atribui ao homem à responsabilidade de transformar a paisagem como destaca que distintos grupos culturais são capazes de provocar transformações diferenciadas nela. Dessa forma, a paisagem cultural expressa uma dinâmica, eterna e incansável, a do Ser (resultado de um processo histórico) e do Vir a Ser (processo histórico em movimento) e, nessa visão, as contribuições de Cosgrove (2000) são essenciais no sentido de trazer para a compreensão da paisagem, o estudo do lugar e sua relação com a memória e as noções de identidade e de pertencimento existentes na população local. E, talvez, confirmar a hipótese pretendida de Calvino (1972, p. 16), “[...] de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem formas, preenchida pelas cidades particulares”, onde a natureza, a cultura, a memória e as noções de identidade e de pertencimento interagem de forma essencial na produção do espaço.

A paisagem, então,

[...] constituem centros de diferentes significados, resultantes das formas como as valoramos. Então, de acordo com nossos códigos avaliadores podem ser interpretadas através de seus símbolos visíveis, não-visíveis e sensíveis, pois como um símbolo em si próprio, a paisagem, envolvendo aqui as dimensões naturais, culturais e ecléticas, revela o curso da evolução do

planeta e das transformações da história da humanidade (GUIMARÃES, 2009, p. 281).

Logo, a paisagem é aquilo que se vê, se percebe, se conhece, se interpreta e se valora. Porém, cada sujeito vê com os seus olhos e compreende a partir de onde os seus pés pisam (BOFF, 2004). Assim, a paisagem perpassa por cheiros, por movimentos, por cores, por construções, variando no tempo e no espaço, de acordo com as inter-relações que acontecem, sendo valorada e interpretada de diferentes maneiras, de acordo com as vivências de cada sujeito, de cada ser humano.

No que tange a valoração da paisagem, a categoria de análise geográfica lugar se torna um elemento fundamental. No entanto, como aponta Holzer (1983), mesmo sendo estudado desde a implantação da Geografia como disciplina acadêmica, o lugar só ganhou importância a partir da década de 1980, com o desabrochar da Geografia Humanística. A abordagem geográfica do conceito de lugar passou, então, a adotar uma intersecção com a Psicologia, tratando da afetividade do indivíduo na sua relação com o lugar. Para Tuan (2013), o lugar é um espaço que foi apropriado afetivamente, ou seja, passou a ser entendido como um mundo de significado organizado.

Neste sentido,

“Espaço” e “lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão a sensação de espaciosidade. O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Essas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admiramos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não ocorreria indagar (TUAN, 2013, p.11).

Assim, “O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe personalidade geométrica. [...] Atraem ou repelem em grau variado de nuances. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente, é reconhecer sua realidade e valor” (TUAN, 2013, p. 28). Todos os lugares são pequenos mundos, podendo se tornar símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação ou de afeição (TUAN, 2013).

Na Geografia Humanística, a leitura da paisagem e a compreensão do lugar perpassam pela memória individual e coletiva. “Os lugares e as paisagens ganham novas ‘leituras’, e as interpretações fazem parte da memória coletiva. A lembrança daquilo que ocorreu no passado consegue atribuir forte valor sentimental a certos lugares” (BECKER *et al*, 2012, p. 2).

Assim, a apreensão dessas categorias de análise geográfica, perpassa pela percepção da paisagem e pelas vivências que transformam o espaço em lugar. Dessa forma, interpreta-se e valoram-se os elementos de uma paisagem pela capacidade que se tem de organizar mentalmente a percepção do local e esse entendimento da paisagem pode auxiliar o estudo do lugar.

A PAISAGEM E O LUGAR NA CIDADE DE QUEVEDOS/RS

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí às recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grandes janelas, nos corrimãos da escala, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1972, p. 7).

Uma estrutura urbana é capaz de produzir uma imagem impregnada de significações e de memórias, individuais e coletivas. A cidade, “em sua esponja”, apresenta seu passado nas paisagens que a constituem, nas materializações que permanecem sobre os lugares, nas lembranças de quem vivenciou os diferentes tempos. Entendê-la, porém, é um processo complexo, que envolve uma busca sistemática dos porquês das formas materializadas. Isso auxilia o conhecimento do lugar que, por sua vez, remete a sentimentos identitários e de pertença.

Neste sentido, estudar o lugar por meio de elementos da paisagem permite o entendimento dos diferentes tempos de constituição da realidade e este estudo pode ocorrer por meio do uso da imagem (fotografia) como ferramenta ilustrativa e didática de sustentação ao reconhecimento nas transformações da paisagem e na história das materializações.

A cidade, além de produto do trabalho humano, é a memória individual e coletiva dos indivíduos e dos povos e, tal como, a memória está ligada a fatos e elementos da paisagem. Esta é a principal razão pela qual se considera que a cidade é o lugar da materialização da memória, estabelecendo na sua reflexão, uma inter-relação entre o lugar e os cidadãos (sujeitos). Esta relação pode ser reconhecida pelas materializações existentes como a arquitetura, o arruamento, as praças, a casa, o bar e, também pela imagem (fotografia), complementadas e valoradas pela memória dos que habitaram e/ou habitam a cidade, cuja transformação é reconhecida mediante o acréscimo de novos fatos.

A imagem (fotografia), quando adotada na elaboração da pesquisa, transita por diferentes épocas e evidencia traços que revelam as dinâmicas de (trans)formação da paisagem. Nessa trajetória, somos conduzidos a perceber as criações e as produções humanas e a valorizar os registros deixados pelo homem como uma experiência sensível do mundo, podendo complementar a descrição, a memória e permitir a apreensão de significados (PESAVENTO, 2003).

O município de Quevedos, objeto dessa pesquisa, localiza-se no interior do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), e tem uma população de 2.710 habitantes (IBGE, 2010), sendo 1.858 habitantes rurais (69%) e 852 urbanos (31%). A ocupação territorial era marcadamente indígena, de grupos essencialmente itinerantes como Jês, Tupis e Guaranis, que vagavam em grandes áreas do sudeste da América Latina e foram os pioneiros a deixar reminiscências no território sulino, apesar da grande devastação e extermínio engendrado pelos lusos/espanhóis.

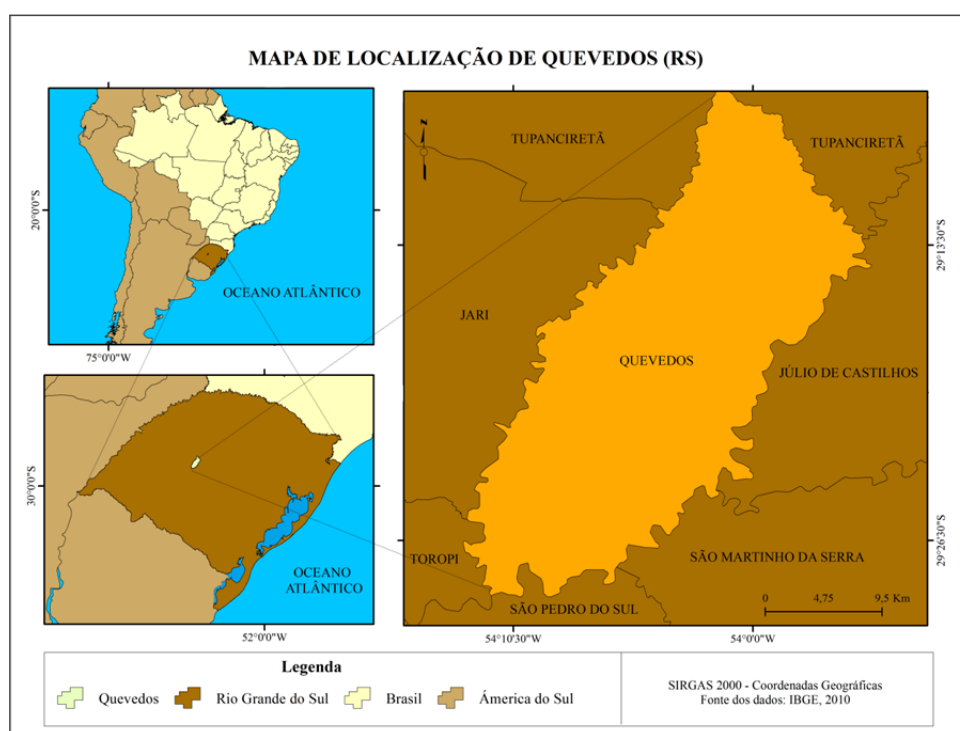


Figura 1 - Mapa de localização do município de Quevedos/RS.

Elaboração: Autores, 2016.

No constante litígio entre as duas coroas (portuguesa e espanhola), prevaleceu o domínio luso e, após a independência do Brasil, preponderou a ocupação das terras com a prerrogativa da colonização. Assim, notadamente, têm-se as marcas culturais das descendências de imigrantes portugueses, alemães e italianos, especialmente, na religião e nos costumes do cristianismo, e de forma preponderante, o catolicismo.

O município (e a área urbana) apresenta características sociais/culturais ecléticas, assentando sua identidade predominantemente em festividades das paróquias,

do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Mangueira de Pedra, da Escola Estadual de Educação Básica Dom Pedro I e da Semana do Município. A leitura e a interpretação empírica da paisagem foi efetivada por meio da observação direta e por registro fotográfico. A análise da paisagem, sua subjetividade na construção e na interpretação do sentimento de identidade e de pertencimento foram embasadas nos depoimentos de pessoas da comunidade que nutrem sensações e memória em relação aos elementos pesquisados.

No município, segundo registros históricos da Câmara Municipal de Quevedos, nas décadas de 1980 e início de 1990, o desejo de maior autonomia para a administração do lugar era crescente entre os moradores. Muitos problemas de infraestrutura e a falta de incentivos ao local motivaram a criação da Comissão de Desmembramento, em consequência do movimento liderado pela atual comunidade de Santa Terezinha, visando retirar a parte do distrito de Quevedos do município de Júlio de Castilhos e anexar ao município de São Pedro do Sul (CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS, 2015).

Com o início dos debates acerca do futuro do lugar, em 16 de junho de 1990, foi criada a Comissão Emancipacionista, que se agregou a Comissão de Desmembramento, encaminhando ao Presidente da Assembleia Legislativa do Estado um requerimento de emancipação. Em 10 de novembro de 1991, ocorreu o plebiscito, no qual o “sim” ganhou com mais de 90% dos votos, possibilitando a criação do município em 20 de março de 1992, pela Lei nº 9.589. Em 03 de outubro de 1992, ocorreu a realização das eleições municipais para a escolha do primeiro prefeito e dos vereadores, que tomaram posse em 1º de janeiro de 1993 (CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS, 2015).

Nesta perspectiva, com o processo emancipatório começou um processo de intensa transformação da paisagem local. A área urbana, então, passou a experimentar um processo de crescimento (Figura 2). Contudo, inúmeros elementos que constituíram sua paisagem outrora permanecem materializados no lugar como símbolos do passado do local e podem contribuir para o entendimento da configuração da paisagem atual e, conseqüentemente, para o estudo do lugar.



Figura 2 - Crescimento Urbano da cidade de Quevedos observada por meio da ferramenta “Imagens Históricas” do *Google Earth*: a) 2000 e b) 2010.

Fonte: *Google Earth*, 2015.

A seguir, foram apresentados elementos da paisagem considerados importantes pela população local e que remetem as noções de identidade e de pertencimento. A Figura 3a apresenta o antigo “Casarão”, ou seja, a primeira casa construída na atual área urbana do município que constituiu a paisagem urbana desde a chegada do primeiro morador (em 1802), José de Quevedo de Macedo, até meados da década de 2000 (quando foi transformada em um estabelecimento comercial), restando apenas um marco referente ao bicentenário da chegada de José (Figura 3b). Outra paisagem da cidade é o primeiro Cemitério, onde está enterrado o primeiro morador, falecido em 1842 (CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS, 2015) e apresentado na Figura 3c.



Figura 3 - Elementos paisagísticos vinculados ao primeiro morador: a) Casarão: primeira casa construída na atual área urbana, b) Homenagem à memória de José de Quevedo de Macedo e c) Cemitério onde se encontram os restos mortais do primeiro morador.

Fonte: a) Câmara Municipal dos Vereadores e b e c) Autores, 2015.

Na Figura 4 se apresenta a primeira Igreja Matriz do município, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Segundo a Câmara Municipal dos Vereadores, em documento de 1907, o engenheiro Kurt Vicent Daberkow cita uma pequena área de 80.000 m² destinada à formação de um povoado ao redor da Igreja, descrevendo-a como “construção rústica, parede de pau-a-pique e cobertura de capim” com a datação arbitrária de 1820 (CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS, 2015). Hoje, a Capela é aberta para celebrações em datas especiais para os católicos como o Natal e a Páscoa.



Figura 4 - Igreja Nossa Senhora dos Remédios: a) Década de 1990, b) 2006 e c) 2015.

Fonte: a e b) Câmara Municipal dos Vereadores; c) Autores, 2015.

De acordo com o morador a, até as décadas de 1970 e 1980, era comum construções de pau-a-pique e cobertura de capim:

A nossa casa também era coberta de capim, de pau-a-pique que chamavam. Era de barro e de carqueja com taquara. Isso, até hoje eu sei fazer, eu via meu pai e minha mãe fazer e aprendi com eles. Colocávamos uns porretes, a taquara e a macega ou carqueja, que chamávamos vassoura, no meio das taquaras e, depois, fazia um barro bem sovadinho e colocava ali. Ficava bem bonito! Parecia parede de material, às vezes, ficava mais bonito que as de hoje. Eram bem largas, bem fresquinhas no verão e bem quentinha no inverno. Não se tinha lareira, fazia-se fogo no chão, não tinha fogão à lenha, o fogão era feito de barro. Só quem tinha muito dinheiro tinha o fogão à lenha. Mas, se tinha muita coisa boa, se fazia queijo, se plantava arroz, se plantava feijão, se plantava bastante frutas de barço (como moranga e abóbora), carne de galinha, carne de porco, comidas sempre se tinha bastante. Contudo, se tinha muitas dificuldades também.

Outro morador destaca a necessidade de preservação do patrimônio local, ficando evidente o desejo de novas posturas para reduzir a perda da identidade municipal:

Há alguns anos havia algumas árvores de araucária ao lado da Igrejinha, essas árvores foram derrubadas dando lugar a uma casa, sendo que esse tipo de mata está em extinção e não pode ser derrubada. Ninguém tomou uma atitude e resolveu esse problema, nem a prefeitura, ao redor da Igrejinha como o Casarão (que eu não conheci) deveriam ser patrimônio e não podiam sofrer alterações nem dentro nem do lado de fora (morador b).

Na atualidade a paisagem religiosa do município se apresenta diversificada, contando com outras Igrejas, como apresentado na Figura 5 (a, b e c). Segundo o IBGE (2015), há no município 2.188 moradores católicos, 414 evangélicos, 65 da Assembleia de Deus, 39 da Congregação Cristã do Brasil, 10 da Igreja o Brasil para Cristo, 31 consideram-se ateus e 12 de múltiplas religiões.

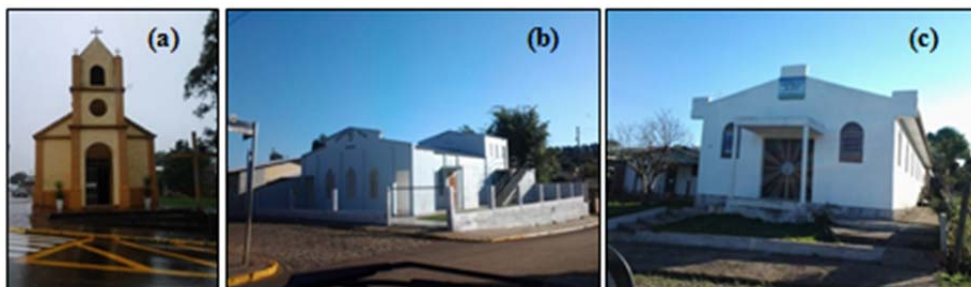


Figura 5 - Igrejas: a) Católica, b) Congregação Cristão do Brasil e c) Assembleia de Deus.

Fonte: Autores, 2015.

Outro marco da paisagem urbana de Quevedos é o CTG Mangueira de Pedra, fundado em 14 de julho de 1977, como Clube 17 de Maio, foi transformado no CTG, em 31 de dezembro de 1978 (CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS, 2015) tornando-se um significativo elemento da memória local. Seu primeiro endereço foi a Rua Baduíno Rodrigues da Luz, contudo, desde a década de 1980(?), encontra-se localizado na Rua Aguapeí, conforme a Figura 6 (a, b e c).



Figura 6 - Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Mangueira de Pedra: a) Década de 1990, b) 2006 e c) 2015.

Fonte: a e b) Câmara Municipal dos Vereadores; c) Autores, 2015.

Segundo o morador c, na década de 1980,

A música não era como hoje! Os gaiteiros caminhavam pelo salão e animavam o povo e só tinha um pandeiro para acompanhar. Tinha uns muito bons. Cada um sabia duas ou três músicas o resto era só um 'foinfoin', mas o pessoal se divertia e gostava. O Finado Nilceu, que foi patrão do CTG, tinha músicas para a noite inteira, mas ia revezando com os outros. O pandeirista chegava ao fim do baile com os braços doendo de tanto bater pandeiro e, depois, não conseguia nem dormir. Mas era muito bom!

Já o Ambulatório Municipal (Figuras 7a, 7b e 7c), atual Unidade Básica de Saúde, sem registro histórico escrito, apresenta registros fotográficos que datam da década de 1980. Destaca-se por estar sobre a área mais alta da cidade, permitindo enxergar a maior parte da área urbana. Além disso, o morador d destaca que

Não sei ao certo quando o hospital foi construído, mas lembro de que na década de 1980, eu acho, uma comissão saiu arrecadando dinheiro para ampliar o hospital. Lembro também que nessa época ficávamos preocupados com a qualidade do hospital, porque um senhor amarrava os terneiros guachos no porão e fazia uma bagunça.



Figura 7 - Ambulatório Municipal: a) Década de 1980, b) Década de 1990 e c) 2015.

Fonte: a e b) Câmara Municipal dos Vereadores; c) Autores, 2015.

A Figura 8 apresenta principais espaços públicos da cidade. A prefeitura (Figura 8a) e Câmara Municipal (Figura 8b) onde está fisicamente representada a gestão municipal, apresentando-se como os símbolos do poder municipal. A Escola Estadual de Educação Básica Dom Pedro I, que é a única escola de Ensino Médio do Município, é apresentada na Figura 8c. Segundo o morador e,

Na época de 1970 (por ai), a gente ia pro colégio não tinha transporte, ia todo mundo de a pé. Não tínhamos bolsas para levar os cadernos, só o lápis, a borracha, o caderno e a caneta. Para carregar os cadernos tínhamos uma sacolinha de açúcar ou de 1 kg de arroz. Os que tinham mais condições, já possuíam um cartapasso que era uma bolsinha que se carregava do lado, feita de algodão. Na sala de aula, estudavam todos os alunos na mesma sala (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª séries) e quando se chegava na 5ª série já se estava formado, pois era só a série que se tinha, mas pelo menos se apreendia ler, escrever e fazer algumas contas. No recreio, os guris adoravam uma briga, não era fácil!

Segundo os registros históricos do Projeto Político Pedagógico (2015) da Escola foi inaugurada em 20 de janeiro de 1944, segundo Decreto Federal nº 1202 de 08 de abril de 1939, tendo como primeiras professoras Leda Bisol e Glória Bianchi. As professoras eram regentes de classes até o 5º ano primário, possuindo aproximadamente 30 alunos. A estrutura da escola contava apenas com duas salas de aula e dependência de professores.

Atualmente a escola conta com laboratórios de Ciências e de Informática, Biblioteca, Ginásio Poliesportivo. Possui uma Banda Marcial através de convênio com a Prefeitura Municipal e realiza Jogos de Integração Escolar, bem como atividades culturais na Semana Farroupilha e Desfile Cívico Estudantil. A partir disso, a Escola é uma materialização antiga na paisagem do município de Quevedos, marcada na memória de muitas gerações.

A Praça Central (Figuras 8d e 8e), construída após a emancipação política do município, apresenta-se como um espaço de convívio significativo na atualidade. Já Praça Leopoldino Menezes (Figura 8f), de construção mais recente (anos 2000), ainda não apropriada pelos moradores do lugar.

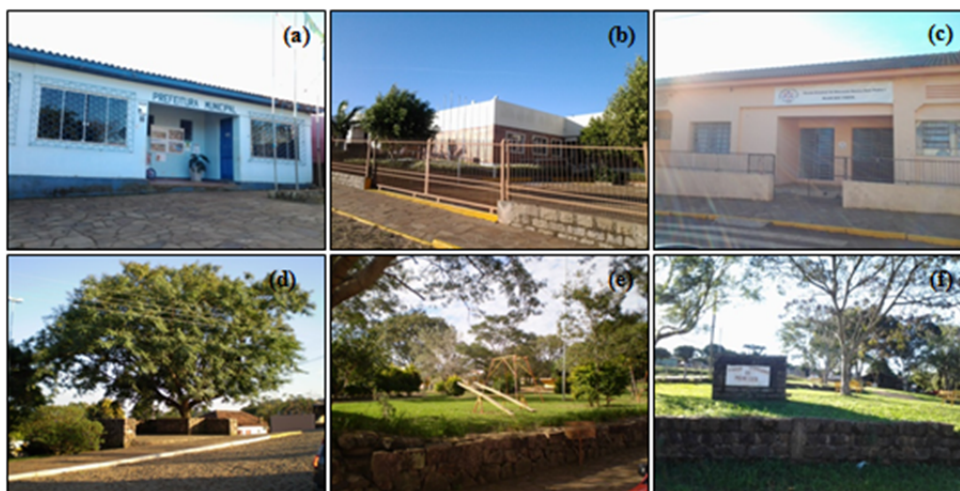


Figura 8 - Espaços Públicos: a) Prefeitura Municipal, b) Câmara dos Vereadores, c) Escola Estadual de Educação Básica Dom Pedro I, d e e) Praça Central e f) Praça Leopoldino de Menezes.

Fonte: Autores, 2015.

O passado implicou em muitas marcas no espaço atual as quais são expressas pelas construções antigas do lugar e pelas memórias contadas de geração para geração. Por esse motivo, a história local necessita ser investigada, a fim de que se compreendam as paisagens atualmente apresentadas, favorecendo a construção da noção de pertencimento e, por conseguinte, de cuidado com o local. As imagens e os depoimentos apresentados remontam algumas memórias individuais e coletivas dos moradores. Isso contribui para a transformação do espaço em lugar e possibilita que os elementos da paisagem se tornem fontes de

recordação, isto é, símbolos do passado local que permitem o estudo e o entendimento do lugar (BATISTA; BECKER, 2013).

Logo, a área urbana do município de Quevedos possui significativas materializações e relevantes memórias que são fundamentais para o entendimento desse espaço. Assim, ao analisar-se uma paisagem e/ou um lugar, é indispensável à compreensão da dimensão histórica e cultural, a fim de entender por que ele se constituiu como tal.

CONCLUSÃO

Sob o ponto de vista deste artigo, e considerando a sua pergunta problematizadora, a pesquisa realizada permite assinalar que a compreensão dos elementos paisagísticos possibilita uma leitura mais abrangente das memórias dos lugares, que lhe conferem identidade, despertando a sensação de pertença e a busca por valorizá-los e conhecê-los mais profundamente.

No caso da cidade de Quevedos o levantamento fotográfico de diferentes elementos da paisagem, associados a sua história (ainda pouco pesquisada, mas presente na memória coletiva e individual dos moradores), permite compreender o lugar. Neste sentido, acredita-se que os elementos da paisagem urbana investigados podem contribuir significativamente com o estudo do lugar e para o desenvolvimento das noções de pertencimento e de identidade, possibilitando a valorização do local.

A principal contribuição do estudo do lugar por meio dos elementos da paisagem, observados por registros fotográficos, é inspirar a pesquisa e a busca por mais informações sobre o local de vivência. Portanto, a partir do exposto, o estudo do lugar, associado às transformações na paisagem, é uma forma de resgatar a memória coletiva dos espaços públicos do município.

REFERÊNCIAS

BATISTA, N.L; BECKER, E. L. S. Paisagens Residuais de Santa Maria: uma relação entre passado e presente. In: **Revista Di@logos**, Cruz Alta: UNICRUZ, n 1, v. 2, 2013.

BECKER, E. L. S; SILVA, A. P; BECKER, K. L. A interpretação da cultura local e a paisagem alternativa no distrito de Santo Antônio – Santa Maria – Brasil. In: **Anais [do] 5º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística**. São Paulo: EACH/USP, 2012.

BOFF, L. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOLÓS, M. et al. **Manual de ciencia del paisaje: teoría, métodos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1992.

CALVINO, I. **Cidades Invisíveis**. 1972. Disponível em: <<http://moodle.up.pt/pluginfile.php/21840/course/section/5603/italo-calvino-as-cidades-invisiveis.pdf>>, acesso em julho de 2014.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CÂMARA MUNICIPAL DE QUEVEDOS. **Município**. 2015. Disponível em: <<http://www.camaraquevedos.rs.gov.br/index.php?main=municipio>>, acesso em 12 de junho de 2015.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **Território**, Rio de Janeiro, n. 9, jul./dez. 2000.

FIGUEIRÓ, A. Para uma compreensão dialética da paisagem cultural na Geografia: reflexões a partir da transformação da natureza por comunidades tradicionais peruanas. In: PIMENTA, M. de C. A.; FIGUEIREDO, L. C. (org). **Lugares: Patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

GUIMARÃES, S.T. L. Percepção ambiental: paisagens e valores. **OLAM – Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, SP, Brasil – Ano IX, Vol. 9, n. 2, janeiro-julho, 2009.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. São Paulo: USP, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). @cidade - Quevedos. 2015. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431532>>, acesso em 12 de junho de 2015.

PESAVENTO, S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 2003.

SAUER, C. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Contato com o autor: Natália Lampert Batista <natilbatista3@gmail.com>

Recebido em: 15/05/2017

Aprovado em: 15/07/2017

ⁱ No caso do município de Quevedos, RS, segundo o Banco de Dados Agregados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) há 1.858 habitantes rurais (69%) e 852, urbanos (31%).